



**CERIMÔNIA DE EMERÊNCIA PROF. JOSÉ MAURO PERALTA**

**DISCURSO DO PROF. JOSÉ MAURO PERALTA**

Cabe-me, sobretudo, agradecer ao Corpo Deliberativo do Departamento de Imunologia, ao qual estou vinculado desde meu ingresso no corpo docente da UFRJ, assim como à Congregação do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, que me indicaram para receber o título de Professor Emérito, e à Universidade Federal do Rio de Janeiro através do Conselho Universitário, que aprovou a indicação.

Esta cerimônia de concessão do título de Professor Emérito toca sobremaneira meus sentimentos mais profundos de emoção e gratidão e, tomando a liberdade, gostaria de usar as palavras de um outro colega citando o Reitor Pedro Calmon, em homenagem ao qual este salão foi nomeado. "Na universidade entra-se pelo merecimento, e é ele que não deixa sair. Com efeito, pelo título de emérito, a universidade entende que o professor que atinge a aposentadoria deve, em virtude de seus méritos, continuar em sua condição de professor".

Nesta ocasião, não poderia deixar de lembrar aqui alguns trechos de minha trajetória que considero de grande relevância para que hoje esteja neste pódio, mesmo tendo alguns deles já sido citados pelo Professor Fracalanza.

Como mencionado, me graduei em Medicina pela Universidade Gama Filho, onde os meus primeiros passos na pesquisa foram na área de patologia, inicialmente sob a orientação do Professor José Maria Barcelos, que forneceu os primeiros estímulos para aguçar a minha considerável curiosidade científica. Tenho preciosas recordações dos momentos que passava, já tarde da noite, consultando as coleções de livros e diapositivos que se encontravam naquela sala de estudos de teto baixo e sem luz natural, situada acima do escritório do Professor Barcelos. A partir daí, dei continuidade aos estudos na área de anatomia patológica até o sexto ano de faculdade, mas com a atenção voltada para a imunologia, ciência que começava a progredir de uma forma muito rápida. Entretanto, foi em 1975 que o interesse pela carreira universitária se manifestou de forma mais acentuada, quando da realização de meu internato, no Centro de Pesquisas Gonzaga da Gama Filho, a convite do, então, seu diretor, Professor Gobert de Araújo Costa.

Lembro-me dos primeiros dias, de certa ansiedade, que passei na tentativa de dar o melhor de mim, pois o Professor Gobert era um profissional muito dedicado ao seu trabalho e exigente com as pessoas que o cercavam, deixando-as um tanto intimidadas. Fui aos poucos reconhecendo que tais características são as que devem ser esperadas de um profissional com a sua excelência. Com o tempo, nos tornamos muito amigos e seus ensinamentos, juntamente com os do Prof. Altair Zebral reforçaram a minha vontade de trilhar por uma carreira acadêmica. Tive, ali, grandes exemplos não só de como fazer pesquisa, mas também de como agir com responsabilidade e respeitar a hierarquia.

Ao ingressar no Curso de Mestrado do Instituto de Microbiologia e a após realização de todos os créditos, estava pronto para regressar ao Centro de Pesquisa da UGF para execução do trabalho experimental de dissertação. Foi nessa época, que o então diretor do IM, Prof. Wilson Chagas de Araújo, convidou-me para ingressar naquele Instituto como professor auxiliar do Departamento de Imunologia. Fiquei muito contente, mas comecei a ponderar a minha atuação como bacteriologista e a imensa gratidão para com o Prof. Gobert. Naquele mesmo dia fui me aconselhar com ele e, para minha surpresa, ouvi a tranquilizante colocação “nem pense duas vezes, vá o mais rápido possível e aceite esta oportunidade: aqui você não terá a mesma chance de crescer e alimentar a sua ambição”. Mas ainda não era a imunologia a minha escolha naquele momento. Em nova visita ao IM, o Prof. Wilson me aconselhou a ir conhecer um casal de pesquisadores argentinos que tinha acabado de chegar ao Instituto para trabalhar no Departamento de Imunologia. Já na minha primeira conversa com os Drs. Ana Szarfman e Gabriel A. Schmuñis, passei a admirá-los e fiquei entusiasmado com a possibilidade de desenvolver trabalhos em imunologia, sob a orientação deles. Foi então que, em fevereiro de 1977, ingressei como Professor Auxiliar no IM. A partir dessa data, tive, sob minha responsabilidade, atividades de ensino, pesquisa e administração. Participei ativamente dos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos pelo Departamento, ministrando aulas teóricas, práticas, seminários e estudos dirigidos. Ao mesmo tempo, estava desenvolvendo minha dissertação de mestrado e orientando alunos de iniciação científica e aperfeiçoamento, compondo a equipe do Laboratório de Imunologia de doença de Chagas, chefiado pelos Drs. Gabriel e Ana. Quero deixar aqui registrada minha gratidão eterna ao professor e amigo Gabriel, exemplo de profissional, que nos deixou a cerca de 2 anos, e o meu carinho muito especial pela amiga Ana, que com sua firme doçura de “mãe científica” muito me incentivou e que continua atuante com sua forma de ser tão peculiar.

A convivência com esses pesquisadores não só me mostrou novos horizontes em pesquisa, mas também a como aumentar a competência, aprendendo a divulgá-la em periódicos internacionais, prática essa realizada por poucos pesquisadores brasileiros nos anos 70. Foi também nesse momento que comecei a perceber um outro lado da ciência, o da competitividade. Com o tempo, pude constatar como aquela pureza inicial do simples pensar & discutir “ciência” foi sendo modulada até atingir uma preocupação imperativa que era a de publicar. Isto foi se tornando um objetivo tão maior que, nos tempos de hoje, por vezes, tolhe a aproximação colaborativa e transpassa a liberdade de reflexão, já que tenta estabelecer parâmetros numéricos para aferir quem é o melhor. Essa me parece ser, na atualidade, uma questão que merece ser ponderada com atenção para que não entremos, em autofagia, como grupo de profissionais, e/ou em apoptose, como indivíduos.

Ainda com Gabriel aprendi um outro ponto importante para sobreviver na ciência, obter recursos financeiros para poder desenvolver os trabalhos idealizados. Com sua costumez clareza dizia "para ser respeitado na ciência você tem de publicar e ter dinheiro". Será que teremos de seguir sempre esse rumo? Parece que sim.

Então para entrar nessa competição o importante é se manter na pesquisa de ponta? O que vem a ser isto? Trabalhar em algo que vai nos render uma publicação de alto impacto, ou desenvolver um produto, ou criar algo que melhore o bem estar de uma população? Aí vem o grande questionamento, sobre o que seria mais importante "pesquisa básica ou aplicada". Lógico que as duas são importantes, pois uma

complementa a outra. Por quê abordo esse tema? Para mim, a Universidade sempre foi e sempre será um local para o livre pensamento e discussões construtivas, independente de tendências políticas temporais. Lembro-me de quando participava do Conselho Universitário, quando das discussões para se tentar criar elites dentro da Universidade, e o Prof. Carlos Lessa bradava "Universidade significa universalidade, há espaço para todos que querem desenvolver, transmitir, receber e aplicar conhecimento". Lembro, também que se discutia que a Universidade tinha de preparar os alunos para o mercado de trabalho e o mesmo Prof Lessa se opunha, contestando que a Universidade era o local para criar indivíduos com capacidade para pensar e que depois é que iriam se engajar no mercado de trabalho. Esse pensamento, no entanto, parece não ter perdurado em sua plenitude, por muito tempo, com o avanço de tecnologias e novas profissões. Podemos ver isso hoje refletido nas manifestações de estudantes insatisfeitos, desejando mudar de curso ou de linha de estudo, à procura de uma diretriz virtual que parece inalcançável, ou que, ao terminar a graduação estão ávidos por algum tipo de emprego, deixando, algumas vezes, de optar por ter uma carreira profissional sólida que poderia ser muito mais gratificante no futuro.

É claro que para isso também contribuem, fortemente, as questões "extra-universidade", como a situação econômica do país e a formação familiar. No meu caso, pude me deixar levar por meus anseios em construir uma carreira, pois tive um sólido suporte familiar, fornecido por pais que não mediam esforços para oferecer uma educação de excelência aos 4 filhos que tiveram. Seguindo os ensinamentos que deles recebi, procurei sempre pautar minhas ações na honestidade, responsabilidade e respeito ao próximo, e passar tais exemplos para os que me rodeiam, encontrando na vida universitária um excelente campo para esse exercício.

Seguindo minha trajetória, em 1979, com o incentivo do Dr. Wilson e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através da concessão de uma bolsa no exterior, tive a oportunidade de iniciar estudos na Divisão de Parasitologia do Centers for Disease Control and Prevention, conhecido amplamente como CDC, o principal órgão de Saúde Pública dos EUA, com a finalidade de elaborar a parte experimental da tese de doutoramento, num estilo que mais tarde ficou conhecido como "doutorado-sanduiche", até hoje em voga.

O projeto inicial era dar continuidade no aprimoramento do diagnóstico sorológico da infecção chagásica, área em que vinha trabalhando. Entretanto, após entendimentos com a minha futura orientadora Dra. Shirley Maddison, foi acordado que iria trabalhar com Schistosoma e utilizar uma nova metodologia que, até então, não era do meu conhecimento, empregando anticorpos monoclonais. Naquela época, a tecnologia de produção de hibridomas estava começando a tomar impulso e ninguém ainda a utilizava no CDC. Tivemos, nessa ocasião, em colaboração com o Dr. Victor Tsang, a oportunidade de padronizar um ensaio cinético imunoenzimático para diagnóstico da esquistossomose, que foi o primeiro passo para uma futura automatização desses ensaios.

Ao iniciar a preparação das primeiras fusões celulares, comecei a me preocupar com a metodologia que poderia usar para analisar a reatividade de cada um dos anticorpos que viessem a ser obtidos. Por coincidência, naquela mesma época foi descrita uma técnica que permitia a transferência de proteínas para uma membrana de nitrocelulose e, sobre esta, desenvolver uma reação imunoenzimática. Imediatamente aprimoramos tal técnica e a utilizamos em diagnóstico e análise de anticorpos monoclonais. Esta recebeu o

nome de ensaio imunoenzimático sobre membrana de nitrocelulose, posteriormente denominado de Western blot ou imunoblot. Este trabalho teve um grande impacto junto a comunidade científica, pois nesta mesma época com o aparecimento da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) o Western blot se tornou uma técnica de grande valor diagnóstico. Nosso trabalho passou, então, a ser referência básica para a aplicação dessa técnica no diagnóstico de doenças infecciosas.

Por quê menciono estes estudos? Simplesmente para voltar a discussão de pesquisa básica e aplicada, além de reforçar a satisfação de ter participado de uma era em que tais desenvolvimentos tiveram um papel crucial com impactos em saúde pública, no curso dos procedimentos diagnósticos e terapêuticos e na qualidade de vida da humanidade. Fazendo uma rápida reflexão sobre o assunto, podemos citar 4 laureados com o Prêmio Nobel que descreveram técnicas simples mas que revolucionaram a medicina. Foram eles: Karl Landsteiner com a descoberta dos grupos sanguíneos; Roselyn Yalow com a descrição do radioimunoensaio; Cesar Milstein & George Kohler, com a descoberta dos anticorpos monoclonais e Kary Mullis que descreveu a técnica da reação em cadeia da polimerase que permitia amplificar uma molécula de DNA em bilhões de cópias em poucos minutos. Lógico que existem muitas outras descobertas tão importantes e que deram o Prêmio Nobel a seus autores. Entretanto para se criar essas técnicas foi necessário uma forte base de conhecimentos básicos. E porque as mencionei aqui? Pelo simples fato que elas sempre fizeram parte das minhas pesquisas e pude aprimorar várias delas para aplicar no diagnóstico de doenças infecciosas. Foi dessa forma que consegui financiamentos para minhas pesquisas, nesses cerca de 40 anos de atividades, e mesmo com as dificuldades que passamos com o financiamento de pesquisa no país, meu laboratório nunca deixou de ter alguns recursos para manter “a chama da pesquisa acesa”. Com isso, e através de colaborações no exterior, tivemos a oportunidade de manter a continuidade de uma pesquisa considerada de ponta, na área, assim como formamos vários professores e/ou pesquisadores que atuam em universidades e instituições nacionais e internacionais.

Embora boa parte dessa plateia entenda exatamente do que estou falando, talvez muitos não saibam que as Universidades Federais e Estaduais não aportam recursos diretos para a pesquisa: o que nos é fornecido é um espaço com água e energia elétrica (que muitas vezes também falham). Mas mesmo assim conseguimos nos prender a elas (Universidades) e defende-las com unhas e dentes que se transformam em garras, na luta para que atinjam ou permaneçam entre aquelas de excelência.

Em novembro de 1982, retornei ao Brasil reiniciando as atividades didáticas do Departamento de Imunologia, já como Professor Assistente. A partir de então, retomei as pesquisas em imunologia de tripanomatídeos, com o apoio financeiro do Programa TDR da Organização Mundial da Saúde

Em meio a essa readaptação, assumi a Chefia do Departamento de Imunologia, em outubro de 1984, o que contribuiu para a aquisição de experiência administrativa, num plano mais amplo que o laboratorial.

Nessa época iniciamos a produção de anticorpos monoclonais em nosso laboratório. Entretanto, a impossibilidade de dispor de uma infraestrutura adequada, incluindo localização, assim como reagentes e insumos especiais, me levou a procurar a colaboração do Dr. Otávio Oliva da BioManguinhos, FIOCRUZ. Através desta colaboração começamos a produzir anticorpos monoclonais para vários alvos moleculares.

Como, cada vez mais, nos envolvíamos com a área de pesquisa em diagnóstico e caracterização de estruturas microbianas candidatas a inclusão em vacinas, estreitamos nossas relações com BioManguinhos,

FIOCRUZ, através do Otávio e, posteriormente, do Dr. Akira Homma. Nessa época, houve um aumento assustador da infecção pelo HIV em nosso país. Assim, a extrema necessidade de produzir reagentes e treinar recursos humanos para realizar o diagnóstico dessa infecção, fez com que nossas colaborações se tornassem mais amplas nessa área. Em janeiro de 1989 fui liberado, parcialmente, pela UFRJ para assumir o cargo de Chefe do Departamento de Desenvolvimento Tecnológico de BioManguinhos e trabalhar como assessor, na área de laboratório, dos Programas da Divisão Nacional de DST/AIDS e Divisão Nacional de Sangue e Hemoderivados do Ministério da Saúde.

Nossa participação nesse programa decorreu do fato de termos uma ampla experiência no diagnóstico imunológico de doenças infecciosas. Em BioManguinhos, preparamos um programa nacional de laboratórios que foi denominado de SINALAIDS, dentro do qual criamos uma rede de laboratórios que integravam os laboratórios de Saúde Pública de cada Unidade Federada do Brasil, coordenada por nosso laboratório em BioManguinhos. Para atingir este objetivo organizamos uma série de cursos teóricos e práticos a fim de treinar profissionais na execução e interpretação de ensaios sorológicos aplicados ao diagnóstico da AIDS. Além disso, tivemos de adequar cada um desses laboratórios com equipamentos e suprimentos de alta qualidade para termos resultados de alta precisão. Também, criamos um sistema de controle de qualidade no qual as técnicas empregadas por todos os laboratórios participantes do programa eram avaliadas. Esse foi um período de muita atividade com viagens por todo o Brasil e participações em reuniões e congressos internacionais.

Durante todo o período em que atuei em BioManguinhos, o nosso laboratório na UFRJ permaneceu em atividade, com a orientação dos trabalhos de alunos de graduação e pós-graduação.

Em janeiro de 1990, terminado o período de liberação, reassumi, em tempo integral, minhas funções no IM, tendo sido eleito, em outubro desse mesmo ano para Coordenar os Cursos de Pós-Graduação. Tive, durante a gestão como coordenador, a particular preocupação em incrementar os programas de intercâmbio técnico-científico, que envolvessem o treinamento de estudantes. Para tal, estabelecemos contatos e estimulamos programas de bolsas do tipo sanduiche. Por essa ocasião, assumimos a coordenação de Programa de bolsas denominado de RHAE, que concedeu várias bolsas para a nossa instituição, o que contribuiu para a intensificação de nossos programas de intercâmbio e colaborações científicas.

Em março de 1993, aceitei um convite dos Drs. Victor Tsang (CDC) e Gabor Patonay (Georgia State University) para participar de um projeto interinstitucional que envolvia o desenvolvimento de um ensaio imunológico empregando corantes que absorvem perto do infra vermelho, como marcadores de moléculas de anticorpos. A ideia desse projeto me atraiu muito, pois acreditava que, usando tais moléculas, poderíamos aumentar, em muito, a sensibilidade dos testes de detecção de anticorpos e com isso diagnosticar a AIDS mais precocemente. Este projeto envolveu várias etapas que incluíam desde a construção de um aparelho para excitar e detectar os sinais emitidos pelo corante, a síntese de um corante compatível com a conjugação ao anticorpo e a padronização do ensaio imunológico. As etapas iniciais foram executadas durante o período que permaneci naquelas instituições (1993-1995), sendo desenvolvido um ensaio que estava no mesmo nível de sensibilidade dos ensaios imunoenzimáticos.

Essa nova estadia no CDC levou a possibilidade de estreitarmos ainda mais as nossas colaborações com os diversos grupos de pesquisa daquela instituição. Assim, pudemos iniciar uma colaboração com o Dr.

Norman Pieniazek, da Divisão de Parasitologia, e Alexandre Januário da Silva na qual iniciamos um projeto sobre diagnóstico molecular de infecções oportunistas. Este projeto passou a ter etapas realizadas tanto nos EUA como no Brasil, e até o presente a interação com Alexandre que hoje é pesquisador do Food Drug Administration, EUA.

Neste mesmo período, reativamos a colaboração com os pesquisadores da Divisão de AIDS, Drs. Mark Rayfield e Danuta Pieniazek, no sentido de aplicar uma técnica de tipagem através da análise molecular do gene pol e verificar a ocorrência de subtipos de HIV-1 no Rio de Janeiro. A partir daí foi desencadeada uma efetiva colaboração entre vários laboratórios da UFRJ e do CDC, envolvendo estudos para melhor entender este tipo de infecção.

Nos últimos meses do meu pós-doutorado nos EUA, comecei a participar de estudos relacionados ao diagnóstico sorológico da neurocisticercose. Em função disso, ao regressar ao Brasil, coincidentemente, duas professoras da UFF, Heloísa Werneck e Regina Peralta, me procuraram com o objetivo de desenvolverem suas teses de doutorado neste assunto, e ao mesmo tempo fui contatado por órgãos ligados ao Ministério da Saúde, convidando-me para atuar como assessor na elaboração de um projeto de controle da teníase e cisticercose no Brasil. A atuação nessa linha promoveu a colaboração com novos grupos, através da participação dos Drs. Adelaide Vaz e Antônio Walter Ferreira, da USP, São Paulo. Também, uma colaboração com a Professora Marzia Puccioni, do HUCCFF da UFRJ, iniciamos uma série de estudos não só na neurocisticercose como em outras neuroinfecções que continuam até os dias de hoje.

A partir de dezembro de 1996 assumi novamente o cargo de Chefe de Departamento de Imunologia permanecendo até outubro de 1998 quando fui eleito para assumir o cargo de diretor do IM por 4 anos. Foi um período enriquecedor no tocante a como lidar com questões universitárias mais amplas, incluindo aspectos administrativos e também uma excelente oportunidade para contribuir para uma projeção mais abrangente de nossa unidade nos cenários nacional e internacional, através do estabelecimento de programas de colaboração. Um exemplo pode ser dado pelo programa PRONEX, que teve várias versões sediadas no IM-UFRJ, a partir de então, e incrementou o desenvolvimento de pesquisas consolidadas e emergentes em várias instituições coparticipantes. Quero aqui destacar que essa missão foi possível, em grande parte, devido a enérgica e dedicação da chefe de secretaria Sheila Maria Carreiro.

Nesse mesmo ano fui aprovado em concurso para Professor Titular.

Em torno desse período iniciamos estudos relacionados a protozoários entéricos desenvolvendo uma série de ensaios empregando a técnica de detecção de DNA por PCR em tempo real e estudos da diversidade de microsporídeos, amebas e criptosporídios, em colaboração com Silvana Carnevale e Jorge Velasquez, do Instituto Malbran de Buenos Aires, Argentina. Nessa mesma época tive a oportunidade de coordenar uma rede de pesquisa financiada por um programa do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde (DECIT) e a Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) que teve como objetivo a pesquisa em metodologia que pudesse levar a implantação de novas técnicas de diagnóstico molecular em hospitais e instituições públicas da cidade do Rio de Janeiro, envolvendo 15 instituições e 60 pesquisadores. Este projeto foi de grande importância para o fortalecimento da capacidade diagnóstica de diversos hospitais públicos do estado do Rio de Janeiro.

A partir de 2003 voltei a atuar no aprimoramento do diagnóstico da esquistossomose em área de baixa endemicidade. Em continuidade a esse estudo tivemos a importante colaboração da Dra. Marta Cavalcanti que não só atuou na área endêmica como implantou um ambulatório no HUCFF para estudos relacionados ao tratamento e acompanhamento de pacientes que vivem em áreas endêmicas da esquistossomose. Este projeto foi estendido para a avaliação de novos testes diagnósticos e tem proporcionado a nossa participação como consultor de órgãos nacionais e internacionais para estabelecer norma de controle e eliminação da esquistossomose.

Mais recentemente, iniciamos uma profícua colaboração com a Profa Carmen Puentes da Universidad CEU San Pablo, Madrid, que incluiu a ida de Regina Peralta ao seu laboratório. Logo após o seu regresso, Allan Guimarães também retornava do exterior como pós-doutorando do laboratório. Como ambos haviam trabalhado com o protozoário de vida livre *Acanthamoeba* decidimos estabelecer uma linha de pesquisa com estes protozoários na tentativa de elucidar de interação destes com outros microrganismos. Também em colaboração com Allan iniciamos uma linha de pesquisa construindo proteínas quiméricas que tem papel terapêutico antifúngico.

Também iniciamos pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de plataformas diagnósticas de arbovírus. Este projeto faz parte de uma rede financiada pela FAPERJ que conta com a colaboração do Dr. Hercules Moura do CDC. Dentro dessa linha de pesquisa, estamos acompanhando clínica e laboratorialmente uma série de pacientes que foram infectados pelos vírus Dengue, Chikungunia e Zika.

Depois dessa, um tanto longa, apresentação destacando algumas das minhas principais atividades científicas devo dizer que nada foi mais gratificante do que exercer a atividade de "professor". Durante os meus cerca de 40 anos de universidade tive a oportunidade de me dedicar ao ensino de graduação e pós graduação. Lembro-me que quando estava fazendo meu doutorado nos EUA e perguntavam "Por que você não permanece aqui?", a resposta era sempre a mesma "Eu gosto de ensinar e estar no convívio com alunos, e penso que tenho muito a contribuir para o meu país". Creio que esse é o conflito clássico de um professor/pesquisador. O cientista tem seu lado egocêntrico que o faz procurar o local que lhe proporcione condições que permitam desenvolver suas ideias, enquanto o professor está preocupado em como transmitir os conhecimentos que estão sendo adquiridos, independente do local. O ideal é podermos conciliar essas duas características e é nisso que me apoie todos esses anos. Como dizia o Prof. Carlos Chagas Filho "Não existe pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa"

Seja em pesquisa ou docência, sobretudo para aqueles que iniciam suas carreiras, e empregando uma imagem da "imunologia", eu recomendaria a aplicação de DTP. Não só o reforço da clássica vacina ainda muito eficiente para a prevenção de doenças potencialmente mortais (Difteria, Tétano e Pertussis-coqueluche), mas também a tríade, composta por Determinação, Tenacidade e Persistência, características que nos auxiliam a nortear uma trajetória acadêmica e a transpor as dificuldades a ela atreladas.

Nesta apresentação não tenho como mencionar os nomes das muitas pessoas que passaram pelo meu laboratório, mas quero deixar aqui um agradecimento especial a Carlos Ausberto que acompanhou grande parte dessa trajetória, e nos deixou precocemente. Também àqueles que tiveram uma participação efetiva, mas não mais importantes que os alunos e funcionários que por lá passaram todos esses anos. Citarei, para representa-los, Maria da Gloria Teixeira, Regina Helena Saramago Peralta, Mauro Jorge Cabral Castro

pela imensa dedicação e envolvimento fundamental com o laboratório e, sobretudo, pela amizade e apoio em etapas importantes.

A todos os docentes e funcionários atuais e aos que já não fazem parte do nosso Departamento que me apoiaram durante todos esses anos. Aos colegas do Instituto de Microbiologia que sempre me trataram com respeito e fizeram com que tivesse uma convivência harmônica e prazerosa nesses anos.

A todos, o meu muito obrigado pelo apoio passado, presente e também futuro já que continuo na missão que abracei, embora com mais moderação, mas com a mesma satisfação de contribuir para que nossa Universidade tenha o merecido destaque no cenário nacional e internacional.

E finalmente a Lúcia, colega, grande pesquisadora, e companheira de todas as horas que aprendi a admirar. Obrigado por tudo.

Prof. José Mauro Peralta

Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG)/UFRJ

Salão Pedro Calmon – Palácio Universitário da UFRJ/Campus da Praia Vermelha

05 de abril de 2019

